



Docência, linguagem e inclusão: análise de narrativas de professores/as surdos/as e professores/as ouvintes sobre o ensino de estudantes surdos/as em publicações científicas da região nordeste

Alcione Costa de Aquino Pinto Cabral¹,

Célia Maria Adão de Oliveira Aguiar de Sousa²,

Flávia Roldan Viana³

¹Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil. ²ESECS/CRID@/CICS.NOVA.IPLeia/Universidade de Leiria e Oeste/IPLeiria, Leiria, Leiria, Portugal. ³Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil *E-mail: alcionecostadeaquino@gmail.com .

RESUMO. Este artigo tem como objetivo analisar narrativas sobre memórias e experiências de professores/as surdos/as e ouvintes acerca do ensino de estudantes surdos/as, a partir de publicações científicas de programas de pós-graduação da Região Nordeste, relacionando-as aos conceitos de docência, linguagem e inclusão. Trata-se de pesquisa narrativa, de caráter teórico-bibliográfico, voltado à identificação de memórias e experiências de professores/as surdos/as e ouvintes a respeito do ensino de estudantes surdos/as em escolas inclusivas. Os resultados revelam que, por parte dos professores/as surdos/as, predominam sentimentos de insegurança, dificuldades, barreiras comunicacionais e sofrimento decorrentes de atitudes capacitistas em escolas que se apresentam como inclusivas. Já por parte dos professores/as ouvintes, os resultados revelam sensibilidade ao modelo inclusivo, embora apontem dificuldade para a sua implementação na educação regular e resistência à educação bilíngue (Libras-português).

Palavras-chave: docência, linguagem, inclusão escolar, narrativas, surdos/as.

Teaching, language and inclusion: Analysis of narratives of deaf teachers and hearing teachers who teach deaf students in scientific publications from the northeast region

ABSTRACT. This article aims to analyze narratives regarding the memories and experiences of deaf and hearing teachers concerning the education of deaf students, drawing on scientific publications from graduate programs in the Northeast region and relating them to concepts of teaching, language, and inclusion. It is a narrative study of a theoretical-bibliographic nature, focused on identifying the memories and experiences of deaf and hearing teachers regarding the education of deaf students in inclusive schools. The results reveal that deaf teachers predominantly experience feelings of insecurity, difficulties, communication barriers, and distress stemming from ableist attitudes in schools that present themselves as inclusive. Conversely, the results show that hearing teachers are sensitive to the inclusive model, although they point to difficulties in its implementation within mainstream education and resistance to bilingual education (Libras-portuguese).

Keywords: teaching, language, school inclusion, narratives, deaf.

Enseñanza, lenguaje e inclusión: análisis de narrativas de profesores sordos y profesores oyentes que enseñan a estudiantes sordos en publicaciones científicas de la región Nordeste

RESUMEN. Este artículo tiene como objetivo analizar las narrativas sobre las memorias y experiencias de docentes sordos y oyentes en torno a la educación de estudiantes sordos, a partir de publicaciones científicas de programas de posgrado de la región Nordeste y relacionándolas con conceptos de enseñanza, lenguaje e inclusión. Se trata de un estudio narrativo de carácter teórico-bibliográfico, centrado en identificar las memorias y experiencias de docentes sordos y oyentes respecto a la educación de estudiantes sordos en escuelas inclusivas. Los resultados revelan que los docentes sordos experimentan predominantemente sentimientos de inseguridad, dificultades, barreras de comunicación y malestar derivado de actitudes capacitistas en escuelas que se presentan como inclusivas. Por el contrario, los resultados muestran que los docentes oyentes son

sensibles al modelo inclusivo, aunque señalan dificultades en su implementación dentro de la educación regular y resistencia a la educación bilingüe (Libras-portugués).

Palabras clave: enseñanza, lenguaje, inclusión escolar, narrativas, sordos.

Introdução

Este estudo aborda as narrativas de professores/as surdos/as e ouvintes sobre a educação de surdos/as desenvolvida em escolas regulares inclusivas, conforme previsto na Política de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, em uma abordagem bilíngue (Brasil, 2008). Na configuração dessa modalidade de ensino, a docência é exercida pelos/as professores/as do ensino regular com a mediação linguística do/a intérprete de Libras e atuação do/a professor/a de Atendimento Educacional Especializado (AEE) e do/a professor/a surdo/a. Estes/as dois/duas últimos/as são responsáveis pelo ensino complementar ou suplementar da Língua Portuguesa, na modalidade escrita, e da Língua Brasileira de Sinais (Libras) nas salas de recursos multifuncionais, no contraturno escolar.

Preliminarmente, vale destacar que, no momento da escrita deste texto, encontra-se em vigor a alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996) promovida pela Lei nº 14.191/2021, que institui a educação bilíngue de surdos como uma modalidade de ensino independente (Brasil, 2021). Nesse sentido, o presente artigo corrobora a urgência da implementação da educação bilíngue de surdos/as com o status de modalidade de ensino independente. Essa realidade é ainda pouco conhecida e/ou compreendida pela comunidade escolar e, inclusive, por parte da comunidade acadêmica da Região Nordeste brasileira.

Em pesquisas recentes, Carvalho (2019) e Moriconi (2020) apontam que, na organização proposta pela Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (Brasil, 2008), os/as estudantes surdos/as tendem a interagir menos com seus pares e dispõem de pouco tempo de aula com professores/as fluentes em Libras ou que também sejam surdos/as. Diante disso, pode-se afirmar que a presença de professores/as surdos/as é fundamental para garantir uma educação mais inclusiva e adequada às necessidades desses/as estudantes. Em declaração oficial na Língua Brasileira de Sinais (Libras), publicada no site da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis), em novembro de 2024, Joseph Murray, presidente da Federação Mundial dos Surdos (World Federation of the Deaf – WFD), redefine o conceito de educação inclusiva para surdos/as, destacando que “não basta inserir crianças surdas em escolas regulares com intérpretes. Educação inclusiva verdadeira envolve educação multilíngue em ambientes de língua de sinais, com professores e colegas surdos” (Feneis, 2024). Por outro lado, professores/as ouvintes que lecionam para estudantes surdos/as em salas de aula regulares enfrentam o desafio de ensinar sem dominar a Libras, o que pode comprometer a comunicação e o processo de aprendizagem desses/as estudantes. Diante dessa problemática, este estudo tem como objeto de investigação pesquisas que se debruçaram sobre esse binômio, por meio das narrativas de professores/as surdos/as e ouvintes a respeito do ensino de estudantes surdos/as. Parte-se da seguinte indagação: quais são as memórias e experiências de professores/as surdos/as e professores/as ouvintes sobre o ensino de estudantes surdos/as em escolas inclusivas no que se refere à linguagem, à docência e à inclusão?

Isto posto, o presente estudo tem como objetivo analisar narrativas de professores/as surdos/as e professores/as ouvintes sobre o ensino de estudantes surdos/as, presentes em publicações científicas de programas de pós-graduação stricto sensu da Região Nordeste do Brasil. Em relação à organização deste artigo, além desta seção introdutória, apresentam-se a fundamentação teórica e os procedimentos metodológicos nas seções dedicadas aos binômios docência e linguagem e docência e inclusão. Os resultados e as discussões são apresentados na seção dedicada às narrativas de professores/as surdos/as e ouvintes sobre o ensino de estudantes surdos/as em contextos inclusivos na Região Nordeste. Essa organização se deve ao entendimento de que o passado e as memórias relacionados à educação de surdos podem contribuir para a construção de uma perspectiva dialógica e para a promoção de uma sociedade inclusiva.

Docência e linguagem

A docência e a linguagem atravessam-se de tal forma no cotidiano que se torna árdua a tarefa de pensar e repensar esse binômio separadamente, visto que o fazer docente, em sua expressiva maioria, concretiza-se na e por meio da linguagem, seja ela verbal ou não verbal. Assim, o/a professor/a, seja surdo/a ou ouvinte, é, antes de tudo, um ser humano, possuidor de vida, experiências e de uma individualidade única.

A profissionalização da docência passa, necessariamente, pelo reconhecimento dos saberes docentes, os quais não se limitam àqueles tradicionalmente atribuídos à docência pelas Ciências da Educação, mas incluem também os saberes próprios da prática pedagógica (Tardif, 2014). Nesse sentido, “os fundamentos do ensino são, a um só tempo, existenciais, sociais e pragmáticos” (Tardif, 2014, p. 103), de forma que, a profissionalização da docência conecta-se à linguagem e vice-versa. Linguagem é um conceito abrangente e multifacetado. Isto posto, vale destacar que este trabalho aborda sob uma perspectiva bakhtiniana. Nessa concepção, a linguagem tem vida em espaço enunciativo-discursivo, sendo assim, considerada não como um privilégio do verbal, mas com presença em manifestações humanas como a linguagem, o enunciado e o texto (Bakhtin, 2006). Corroborando com esse pensamento, este artigo centra-se nas narrativas de professores/as surdos/as e ouvintes sobre o ensino de estudantes

surdos/as, com o intuito de refletir sobre as memórias e percepções desses/as profissionais relacionando os conceitos de docência, linguagem e inclusão. Tendo em vista a assertiva de que “nós, humanos, existimos na linguagem e todos os seres e todos os afazeres humanos ocorrem, portanto, no conversar – resultado do entrelaçamento do emocionar com o linguajar” (Maturana e Verden-Zöller, 2004, p. 98), pode-se inferir que os diálogos, as interações e as narrativas dos e com os surdos estão imbricados no ato de sinalizar, típico da comunicação em língua de sinais.

Dessa forma, consideramos a linguagem tanto a partir da perspectiva da percepção (Maturana, 2001; Maturana & Verden-Zöller, 2004) quanto da interação (Bakhtin, 2006, 2016). As interações produzidas em Libras nas pesquisas com professores/as surdos/as e traduzidas para a língua portuguesa escrita são registros das expressões culturais surdas e da forma de ver e de sentir a educação no contexto das escolas regulares inclusivas.

Docência e inclusão

Ao pensar no binômio docência e inclusão, é possível inferir que, historicamente, esses conceitos passaram por um processo de distanciamento, entretanto, no cotidiano escolar, entrelaçam-se tanto na formação docente como na prática pedagógica. Isto porque o acesso à educação para todos está previsto no art. 205 da Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988) e tem amplo amparo legal nos arts. 2º, 3º, 4º, 58 a 60 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (Brasil, 1996), aplicando-se a todos os âmbitos de ensino do país. A inclusão é defendida por estudiosos como Omote (2008), Mantoan (2010), Damázio e Alves (2016), Sasaki (2007) e por muitos outros. Contudo, a inclusão de estudantes surdos/as se apresenta como um desafio que tem suas especificidades, sobretudo em virtude das barreiras atitudinais, linguísticas e comunicacionais que afetam a identidade e a cultura surda. De acordo com a Lei nº 14.191/2021 (Brasil, 2021), que altera o art. 60 da LDB (Brasil, 1996), foi instituída a modalidade de educação bilíngue de surdos, que tem início na educação infantil e se estende ao longo de toda a trajetória escolar e acadêmica dos/as estudantes surdos/as. Essa medida representa um avanço significativo no âmbito legal; no entanto, sua implementação efetiva no ambiente escolar ainda demanda tempo e adequações.

Conforme Vieira e Fumes (2022, p. 218):[...] passadas algumas décadas das primeiras assertivas no sentido de reconhecer como importante e necessária uma proposta educacional pautada nas especificidades linguísticas da população Surda do Brasil, a política de educação bilíngue ainda se apresenta fragilizada e pouco clara enquanto diretriz e mesmo nas suas condições materiais nos espaços designados como bilíngues.

Para que tenhamos uma educação para surdos, de fato, bilíngue, precisamos de professores/as, de fato, bilíngues sem desvincular as línguas da cultura. Assim, a Libras, nas salas de aula da educação para surdos, deve ser valorizada no seu status de língua, e não como um recurso complementar (Karnopp et al., 2019).

Nesse sentido, professores/as surdos/as e professores/as ouvintes que atuam no ensino de estudantes surdos/as lidam com esse embate e se angustiam com a expectativa de ver estudantes surdos/as vivendo histórias diferentes das de suas gerações, em que o processo de ensino e aprendizagem ficou marcado por isolamento, invisibilização e frustração para ocupar espaços de poder na sociedade competitiva e no mercado de trabalho, que cobra a conta com indiferença e crueldade.

Pesquisa qualitativa narrativa na educação bilíngue de surdos

Os aspectos teórico-metodológicos que fundamentam esta pesquisa circunscrevem-se à abordagem qualitativa-narrativa, que, conforme definem Clandinin e Connelly (2011), é uma metodologia de pesquisa que permite dar voz aos sujeitos do estudo, conferindo visibilidade às histórias de vidas de sujeitos anônimos, como professores/as surdos/as e professores/as ouvintes sobre o ensino de estudantes surdos/as. Para tanto, recorre-se a narrativas teórico-bibliográficas via análise de fontes escritas para aprofundar o conhecimento a respeito da educação bilíngue de surdos desenvolvida em escolas inclusivas e os dilemas de professores/as neste contexto. Conforme Dewey (1952, citado por Clandinin & Connelly, 2011), “a experiência é pessoal e social”. Por isso, as publicações científicas a respeito do tema, no contexto brasileiro, possibilitam esta reflexão a partir das experiências registradas nos últimos cinco anos. Além disso, é importante lembrar que a memória coletiva e cultural desempenha um papel fundamental na formação da identidade da comunidade surda brasileira, influenciando a maneira como seus membros percebem e interpretam a história.

As bases de dados selecionadas para esta pesquisa são a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, o Catálogo de Teses e Dissertações e a *Revista de Educação Especial*. Como instrumento de coleta de dados, realizou-se a busca de teses, dissertações e artigos que discutem a inclusão de estudantes surdos, relacionando aspectos como memórias e experiências de professores/as surdos/as e professores/as ouvintes sobre o ensino de estudantes surdos/as e sua prática docente. Desse modo, para a realização do levantamento bibliográfico, utilizaram-se os seguintes descritores: **narrativas AND professores AND surdos AND inclusão**. Contudo, para se chegar aos resultados pretendidos, isto é, responder à pergunta norteadora deste estudo, adotaram-se os seguintes critérios de inclusão: trabalhos científicos oriundos de Programas de Pós-Graduação em educação de universidades federais da Região Nordeste no recorte temporal de 2021 a 2025, que apresentassem narrativas de professores/as surdos/as

e ouvintes sobre o ensino de estudantes surdos/as no contexto de escolas inclusivas em salas regulares e em salas de recursos multifuncionais.

Na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), foram encontrados 23 trabalhos, sendo selecionados os estudos de Lucena (2022) e Dantas (2023), conforme apresentado no Quadro 1. No Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, foram encontrados 51 trabalhos, dos quais selecionados os trabalhos de Silva (2021) e Bernardo (2022). Quanto aos artigos científicos, a busca foi realizada na *Revista de Educação Especial*, da Universidade Federal de Santa Maria, na qual foi encontrado apenas o artigo de Tavares e Costa Fernandez (2022).

Quadro 1 – Publicações selecionadas para a análise (2021–2025)

Bases de Dados	Teses	Dissertações	Artigos
BDTD (23 trabalhos)	1	1	0
CTDC (51 trabalhos)	1	1	0
Revista de Educação Especial	0	0	1
Total de estudos selecionados	2	2	1
	5		

Fonte: Elaborado pelas autoras (2026).

As pesquisas que contemplam narrativas encontradas são oriundas de João Pessoa (PB), Alagoas/SE, Venturosa (PE), Olinda (PE) e Ilhéus (BA). Esse quantitativo evidencia a escassez de publicações que discutem a educação para surdos a partir do olhar de professores/as surdos/as, aspecto preocupante diante da relevância da presença e do protagonismo da comunidade surda no contexto acadêmico-científico.

No Quadro 2, a seguir, estão separados trabalhos que trazem narrativas de professores/as surdos/as e professores/as ouvintes sobre o ensino de estudantes surdos/as. De início, é possível observar que os professores/as ouvintes de estudantes surdos/as aparecem em maior número de trabalhos do que os professores/as surdos/as.

Quadro 2 – Publicações e sujeitos participantes (anônimos)

Trabalho	Professores/as surdos/as	Professores/as ouvintes de estudantes surdos/as
Tese: Rompendo o silêncio: dimensões da experiência de professoras/es surdas/os na educação básica (Silva, 2021).	2	-
Tese: Emoções em narrativas de Corpos Surdos (Dantas, 2023).	3	
Dissertação: Práticas de aprendizagem integradoras e inclusivas na educação de surdos: novos olhares rumo a uma educação ecoformativa (Bernardo, 2022).	-	2
Artigo: Significados de surdez segundo professoras de Venturosa no Agreste Pernambucano (Tavares & Costa Fernandez, 2022).	-	49
Total	5	51

Fonte: Elaborado pelas autoras (2026).

Na sequência deste texto e após leitura criteriosa das publicações selecionadas, são apresentadas breves sínteses dessas publicações, seguidas da análise e da discussão das narrativas nelas expressas.

Narrativas de professores/as surdos/as e ouvintes sobre o ensino de estudantes surdos/as em contextos inclusivos na Região Nordeste

Os resultados encontrados representam um recorte da realidade que professores/as surdos/as e professores/as ouvintes que atuam no ensino de estudantes surdos experimentam e a forma como se sentem diante das barreiras comunicacionais e dos desafios da inclusão linguística dos/as estudantes surdos/as.

Em relação a esse tema, defendemos que a educação de surdos será inclusiva, de fato, quando respeitar os direitos linguísticos dos surdos e contar com professores/as surdos/as com formação adequada em todos os espaços educacionais que atendam estudantes surdos/as matriculados/as.

Nas próximas subseções, será apresentada a análise das narrativas, na qual serão detalhados e discutidos os achados desta pesquisa.

Análise de narrativas de professores/as surdos/as

Esta análise tem sua base teórica em Bakhtin (2016), em Maturana (2001) e em Maturana e Verden-Zöller (2004). O primeiro, Mikhail Bakhtin, com a ideia de dialogismo, argumenta que toda comunicação é

essencialmente dialógica, rejeitando a visão de linguagem como um sistema fechado e enfatizando seu caráter dinâmico e social.

Na obra *Os gêneros do discurso*, (Bakhtin, 2016) ele defende que o significado das palavras é construído no contexto da interação entre os sujeitos. Portanto, para ele não há enunciado isolado; um enunciado responde a outros enunciados sucessivamente, ou seja, “na palavra do falante há sempre um elemento de apelo ao ouvinte”. (Bakhtin, 2016, p. 113). Nesta perspectiva, as línguas orais e as línguas de sinais constituem-se na comunicação, seja ela falada ou sinalizada. Nesse processo, há entre surdos e ouvintes “a heteroglossia (pluralidade de vozes) presente em qualquer discurso, refletindo diferentes pontos de vista sociais e históricos” (Bakhtin, 2015, p. 107). Assim, o pensamento bakhtiniano assume que “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem” (Bakhtin, 2016, p. 11). Através da linguagem, a comunicação e a interação inclusive entre surdos e ouvintes.

Por sua vez, Maturana (2001) aborda de forma inovadora a cognição e sua relação com a maneira como percebemos e interagimos com o mundo. Ele defende que o conhecimento não é uma representação de uma realidade externa, mas um processo de interação com o meio. Nessa perspectiva, os autores afirmam que “a linguagem surge como uma coordenação de coordenações de ações, permitindo a construção do mundo humano” (Maturana & Varela, 2001, p. 203). O observador participa daquilo que observa, o que leva à noção de um conhecimento sempre situado e relacional (Maturana, 2001; Maturana & Verden-Zöllner, 2004). Apesar das diferenças, há pontos de convergência entre os autores: enfatizam a interação e rejeitam uma visão absolutista do conhecimento. Bakhtin (2016) vê a linguagem como uma prática social construída no diálogo, enquanto Maturana (2001) percebe a comunicação como coordenação de ações dentro de um sistema vivo. Dessa forma, é possível estabelecer um diálogo interdisciplinar entre suas teorias para compreender a cognição, a comunicação e a constituição do sujeito de maneira integrada, podendo, assim, considerar o contexto e as experiências dos sujeitos como formas de atravessamento das percepções de si e do outro.

Dada a base para a discussão teórica, começamos a análise das narrativas em Silva (2021), que busca olhar para as experiências das pessoas surdas na condição docente, de modo a contribuir para que seus silenciamentos não se reproduzam. A problemática da pesquisa de Silva (2021) originou-se das vivências da professora-pesquisadora ao observar docentes surdas/os em situações desafiadoras nas escolas autodenominadas inclusivas. Seu objetivo foi analisar as experiências docentes de professoras/es surdas/os em escolas pensadas e planejadas para ouvintes.

Em seus estudos, Silva (2021) conta com a participação de vários professores/as surdos/as que atuam em João Pessoa, na Paraíba. Para esta análise, foram extraídos trechos que relacionam conceitos como docência, linguagem e inclusão, como no trecho apresentado a seguir:

Professora Esperança: *Muitos dias aqui eu fico muito triste. Colegas professores e alunos não me vêem como professora. Às vezes. Muitas vezes. Penso: pessoas só gostam de gente ouvinte, branca, bonita é?! Eu gosto de mim. Sinto vontade às vezes chorar. Penso, não estou conseguindo ensinar! (expressão de tristeza)* - Trecho de entrevista narrativa. (Silva, 2021, p. 86)

A partir desta narrativa da professora Esperança, ficam evidentes os sentimentos de tristeza e de insegurança por perceber que não é vista como professora. Os/as professores/as e colegas não a veem como professora, talvez por ela ser surda, atitude que pode ser definida como capacitista.

No livro *Capacitismo: o mito da capacidade*, Di Marco (2021) define o capacitismo como a opressão e o preconceito contra pessoas que possuem algum tipo de deficiência, ou seja, o capacitismo é uma forma de discriminação que marginaliza pessoas com deficiência, não apenas por meio de pensamentos e estereótipos, mas também por meio de imagens, narrativas, linguagens e estruturas sociais estabelecidas (Di Marco, 2021).

Assim, no cotidiano de professores/as surdos/as, o capacitismo pode manifestar-se de várias maneiras, por exemplo, como a falta de acessibilidade em ambientes educacionais, a subestimação das habilidades e competências desses/as profissionais e a ausência de adaptações necessárias para que eles/as possam desempenhar suas funções de forma plena. O capacitismo se manifesta em atitudes, comportamentos e estruturas sociais que desvalorizam ou ignoram as necessidades e direitos dessas pessoas.

O trecho a seguir, da professora Esperança, revela memórias e experiências da sua trajetória estudantil, assim como a transformação causada pelo contato com a comunidade surda, reforçando, assim, tal como Bakhtin (2016), que a linguagem é uma forma de ação social e não um ato individual, portanto, uma construção coletiva.

Professora Esperança: *Quando criança, eu pensava ser doida, porque não entendia nada. Fingia entender, não sabia nada. Reprovei muitos anos. Não queria estudar escola. As pessoas me achavam doida. Conheci identidade surda já grande, cidade Campina Grande. Lá tem escola surdos. Morei lá. Minha mãe matriculou lá. Adorei estudar lá. Foi bom. Não esqueço. Vi meu povo. Descobri, eu louca não, eu normal. Eu vejo, falo com mãos. Não escuto, não sou doida. Diferente só.* (Silva, 2021, p. 90-91)

Bakhtin (2006) afirma que, na relação de alteridade, construímos uma autorrepresentação provocada pelo outro. Constituímo-nos discursivamente pelas palavras alheias, que moldam o nosso ser.

Professora Força: *Passei 6 anos lá. Apreendi muito. Voltei João Pessoa, aqui fui encontro pessoas surdas. Legal. Eu sabia Libras, conversava muito (risos). Ensinei Libras um surdo minha rua, ele não sabia. Levei ele grupo surdos. Aqui [João Pessoa] estudei escola ouvintes. Foi difícil, muito difícil. Consegui concluir ensino médio. Minha família não acreditava em mim. Eu lutei, lutei, junto grupo surdos e mostrei minha capacidade. Ignorei, saí de perto pessoas negativas e pensei sempre em estudar e conseguir um trabalho, para mostrar pessoas eu não sou doida (expressão de risos).* Trecho de entrevista narrativa. (Silva, 2021, p. 90-91)

A narrativa da professora Força revela o lado sombrio do isolamento social vivenciado por surdos nas últimas décadas, mas que vem mudando gradativamente a partir das mudanças nas políticas públicas de inclusão e de acessibilidade, resultante das lutas da comunidade surda brasileira por direitos linguísticos.

Professora Força: *Minha infância foi sozinha... tinha medo sair rua até com minha família (expressão de tristeza). Quando o povo descobria que eu era surda, me olhava diferente – com pena. Me achava coitadinha, entende?! Então, preferia ficar minha casa. Só ia escola, pronto! Depois foi melhorando... fui saindo mais de casa, depois que conheci grupo surdo – Registros de Campo.* (Silva, 2021, p. 95)

As falas da professora Força refletem o impacto da interação de uma forma positiva ou negativa do outro sobre si. Os sentimentos de isolamento ou de ânimo são decorrentes de interações sociais cotidianas com surdos e ouvintes, reforçando, assim, o pensamento bakhtiniano a respeito do dialogismo.

A pesquisa de Dantas (2023) investiga como as emoções modulam ações dos corpos surdos, trazendo à tona os linguajares discursivos silenciados no contexto das exclusões e nos estudos sobre a Libras e sobre surdos/as. Ele defende que, a partir das narrativas autobiográficas, os/as participantes da pesquisa reverberaram transformações em ações socioculturais, reconhecendo seus corpos, suas interseccionalidades e suas emoções como espaços de linguagem. Assim, quebra-se o silenciamento histórico que impede novas formas de olhar os afazeres políticos.

Dessa pesquisa, foram extraídas duas narrativas de professores surdos, a de Estrela Lua (51 anos) e a de Livre (33 anos), que participaram da pesquisa de forma voluntária, tendo formação para atuar como professores surdos, mas participando do AEE como egressos.

Sobre o participante Livre, há muitas curiosidades. Considera-se capaz, não aceita a exclusão e é um grande atuante na luta por políticas públicas de acessibilidade. Faz palestras, participa de eventos, possui duas graduações e uma pós-graduação, todas realizadas em instituições particulares. Afirmo que sua liberdade é sua grande chave para exemplificar aos[às] Surdos[as] que é possível lutar e ter os direitos reconhecidos. *‘Sou Livre porque não sou preso às leis do ouvinte’* (Texto sinalizado por Livre durante a escolha do pseudônimo). (Dantas, 2023, p. 103)

Para Bakhtin (2006), o discurso nunca é neutro; ele sempre reflete e retrata valores sociais, ideológicos e históricos. Livre demonstra ser consciente dos desafios que lhe estão postos. Esse posicionamento de consciência faz com que Livre considere e defenda o valor de poder se expressar: *“Ninguém nunca me perguntou como eu me sinto. Agora eu posso falar: tudo isso só me faz mais forte. E eu agora vou falar minha narrativa e não vou aceitar que falem por mim (Texto sinalizado por Livre durante aplicação da CD)”*. (Dantas, 2023, p. 103)

Da mesma forma, Maturana (2004) entende a liberdade como um fenômeno biológico e social intrinsecamente ligado à linguagem. Para ele, a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas um espaço de convivência no qual os seres humanos criam realidades compartilhadas. A liberdade, nesse contexto, não se refere à ausência de restrições, mas à capacidade de participar ativamente da construção dessas realidades por meio da linguagem. Assim, a liberdade emerge das interações, da possibilidade de escolher e modificar os sentidos construídos socialmente, sempre em consonância com as coerências operacionais do sistema vivo e com as relações que estabelecemos com os outros.

Já sobre Estrela Lua, destacam-se os seus dilemas em relação à aquisição da linguagem e às imposições sofridas.

Estrela Lua: *Eu sempre quis aprender a língua portuguesa. Eu me sentia forte, sabida e podia falar. Mas a forma como aprendi, foi dolorosa. As pessoas batiam em minha cabeça, forçando aprender a oralizar. Foi muito difícil!* (Texto sinalizado por Estrela Lua durante aplicação da CD). (Dantas, 2023, p. 62)

Maturana (2001) aborda a linguagem como um fenômeno biológico e social, destacando que ela não se limita à comunicação, mas constitui um modo de construir a realidade e orientar as interações humanas. Assim, observa-se, no relato de Estrela Lua, o desejo de aprender a Língua Portuguesa como uma forma de sentir-se aceita e incluída no mundo dos ouvintes. Essa é uma forma de provar sua capacidade e construir para si uma nova realidade, embora se depare com enormes dificuldades e desafios. Ainda assim, Estrela Lua demonstra esperança e registra, em sua narrativa, que percebe avanços na forma de viver dos surdos na atualidade. Revela, também, que percebe a existência de mais profissionais que têm preocupação com o desenvolvimento das pessoas surdas.

Estrela Lua: *Eu acredito na mudança. Eu tenho esperanças sobre escolas, professoras, família. Com a tecnologia sabemos de tudo e podemos reclamar e denunciar. A geração Surda de hoje tem mais condições do que a minha. Ainda sofrem, mas é menos porque tem as Associações de Surdos[as] para lutar. Também tem mais profissionais que se importam com as pessoas Surdas. Mas a luta não pode parar, não pode acabar. Tem que ser todo dia* (Texto sinalizado por Estrela Lua durante aplicação da CD). (Dantas, 2023, p. 62)

Outros pontos abordados por Estrela Lua dizem respeito à existência de associações de surdos para lutar por seus direitos, e à tecnologia, que possibilita reclamar e denunciar. A plena participação e o convívio com seus pares na era digital inauguram momentos positivos de posicionamento.

Esses elementos corroboram as contribuições de Bakhtin (2006, 2016) e Maturana (2001, 2004), cujas perspectivas se complementam para o estudo da linguagem e da cognição. Bakhtin (2006; 2016) destaca a dimensão social e histórica do discurso, enquanto Maturana (2001; 2004) foca na biologia do conhecimento e na construção da realidade a partir da interação dos organismos com o meio. O diálogo entre essas abordagens enriquece o entendimento da comunicação humana, integrando as dimensões social e biológica na construção do conhecimento.

Análise de narrativas de professores/as ouvintes sobre o ensino de estudantes surdos/as

A pesquisa de Bernardo (2022) analisa o relato de experiência de um professor de estudantes surdos, na perspectiva da educação ecoformativa e inclusiva. As análises revelam a importância do desenvolvimento de práticas pedagógicas integradoras e inclusivas, pensadas a partir de um olhar multidimensional sobre os/as estudantes, bem como da importância da promoção de uma relação de amorosidade entre professor, estudante, família e demais membros da instituição. Além disso, a articulação dos/as professores/as com a coordenação possibilitou a inserção das famílias dos/as estudantes no ambiente institucional por meio de oficinas de artes e do ensino de Libras.

Nessa pesquisa, a narrativa do professor/pesquisador reflete uma percepção sensível, de empatia e engajamento na luta pelos direitos das pessoas com deficiência, a ponto de se colocar numa posição de cumplicidade e de amorosidade em sua prática docente.

Professor/Pesquisador: Aqui estamos, aproximadamente a dez anos nesta caminhada e até os dias atuais, sinto o incômodo das injustiças e lutas desbravadas pelas pessoas com deficiência para serem aceitas em suas diferenças, respeitadas, valorizadas com equidade, principalmente com amorosidade. Foi a partir da roda de conversa que percebi ser a minha missão mais do que pedagógica; seria, de fato, uma relação de cumplicidade e amor, era dar as mãos e ajudar na travessia para alcançar diferentes objetivos e sonhos que para eles pareciam impossíveis diante de tantas barreiras, solidão e conformismo com o que era oferecido a eles. (Bernardo, 2022, p. 91)

Assim, a narrativa do professor/pesquisador está imbricada com a visão de trabalho docente defendida por Tardif e Lessard (2011), segundo a qual o professor precisa estabelecer relações humanas que ultrapassem os papéis codificados em sua tarefa e em seu status, reinventando, cotidianamente, sua relação com os/as estudantes. Ainda sobre as narrativas apresentadas por Bernardo (2022), observa-se a disposição do professor/pesquisador em aprender Libras e dedicar-se a esse processo, por entender a significativa responsabilidade diante das famílias e dos sonhos dos estudantes. Nesse sentido, infere-se, apesar da disposição do professor, a necessidade de formação continuada em Libras para professores/as que trabalham com estudantes surdos/as para uma interação cotidiana mais efetiva.

Professor/Pesquisador: Esta era composta por vinte pessoas com deficiência (ouvintes e surdos múltiplos) o que chamou a minha atenção para a quantidade de estudantes surdos. Foi uma mistura de felicidade e autoquestionamento sobre a minha própria capacidade profissional para a significativa responsabilidade, pois, são pessoas que representam uma família que dispõe de planos e sonhos a partir da educação. No primeiro contato com a turma fui comunicado que, inicialmente, eu teria o apoio de uma intérprete de Libras em sala, mas, segundo a coordenadora pedagógica, logo eu assumiria a turma sem a presença da intérprete, havendo, assim, a necessidade urgente de qualificação em Libras. (Bernardo, 2022, p. 93)

Em Bernardo (2022), a narrativa do professor/pesquisador denuncia uma realidade de exclusão ainda bastante presente no cotidiano das escolas ditas inclusivas. Evidencia, ainda, a recorrência de práticas pedagógicas que desconsideram a diversidade e tornam a educação pouco atrativa para os diferentes.

Professor/Pesquisador: Antes de iniciar a primeira reunião pedagógica, perguntei para a coordenadora como era a atuação do professor anterior. Nas palavras dela, o mesmo não dominava a Libras e não demonstrava interesse em aprender, “isso era muito chato e complicado”, seu fazer pedagógico estava baseado em livros didáticos disponibilizados pela rede municipal de ensino da cidade de Maceió. Suas atividades eram basicamente a partir do livro, as lições eram quase sempre xerocadas ou cópia do quadro; como era uma turma mista, segundo a coordenadora, o professor não se preocupava verdadeiramente com o desenvolvimento singular, mas sim com o todo, desconsiderando as partes, ou seja, as atividades não atendiam às necessidades específicas dos estudantes. (Bernardo, 2022, p. 95)

Assim, reforça-se a ideia de que a inclusão escolar não se efetiva com mais do mesmo. Pelo contrário, é fundamental uma escuta sensível e o planejamento de ações que considerem as necessidades específicas dos/as estudantes, garantindo-lhes a equidade nas atividades. A pesquisa de Lucena (2022) trata das possibilidades de aproximação entre o campo da arte, por meio do ensino de música, em um contexto de educação não formal voltada à inclusão de pessoas com deficiência auditiva. Analisa a inclusão pedagógica de pessoas surdas em aulas de música, a partir das experiências desenvolvidas em uma instituição de educação não formal, tomando como

parâmetro a mediação semiótica. Os resultados demonstraram que a mediação semiótica ocupa lugar proeminente nas práticas pedagógicas e na vida dos/as estudantes, comprovado pelo acesso democrático às aulas e pela participação de pessoas com e sem deficiências. Assim, os resultados de Lucena (2022) revelam que os/as professores/as consideraram as diferenças no tempo de aprendizado de cada estudante como um fator primordial, bem como a busca por formação e planejamentos específicos para atuar com estudantes com deficiências. Verificou-se, também, a necessidade de adoção, por parte da instituição de ensino, de método específico para o ensino de música para pessoas surdas, elaborado pelo professor coordenador, além do estímulo à vida social ativa, oportunizando o seu acesso à música no ambiente da instituição.

As narrativas de professores/as de surdos/as extraídas de Lucena (2022) demonstram que há uma preocupação com o uso da Libras no planejamento e na execução das aulas.

Carlos Alberto: Sinalizo em Libras o tema, apresento o material que será usado e conto uma breve história relacionada ao tema, para facilitar o entendimento. (Lucena, 2022, p. 74)

Ainda, em Lucena (2022), o professor Santana deixa clara sua atenção à flexibilidade dos planos de aula e à evolução individual de cada estudante.

Santana: À medida que o estudante evolui em termo prático, ele sente uma necessidade de entender princípios teóricos. Dessa forma, deixava um script para seguir, isto é, um plano de aulas, mas também era flexível quanto à curiosidade, de modo a respeitar a necessidade presente do estudante. (Lucena, 2022, p. 74)

Segundo Skliar (1998), pesquisador da área da educação inclusiva e da surdez, quando optamos pela docência com estudantes surdos/as precisamos estar dispostos para uma comunicação por meio da língua de sinais e práticas pedagógicas que considerem as diferenças no processo de ensino e aprendizagem. Isso implica uma escuta sensível, a valorização da Libras e o respeito à diversidade como elementos essenciais para um/a professor/a comprometido/a com a educação inclusiva de surdos/as. A pesquisa de Tavares e Costa Fernandez (2022) investiga os significados de surdez construídos por professoras da cidade de Venturosa, visibilizando, dessa forma, o Agreste pernambucano. Considera-se o campo em disputas das práticas pedagógicas com a população surda. Do ponto de vista metodológico, 49 professoras responderam a um questionário contendo dez questões abertas e uma escala Likert com 20 itens. Os dados ilustraram uma distância entre o conceito de surdez e a prática profissional de professoras que não convivem com pessoas surdas e/ou com pouca aproximação com a Libras.

Resultados desse mesmo estudo evidenciam posturas que diferenciam a surdez e a deficiência auditiva (presença da fala oral), momento de aparecimento da surdez e nível/grau da audição. Notou-se, também, uma sensibilidade dos participantes ao modelo inclusivo, apesar da dificuldade de implementação na educação regular e uma resistência à educação bilíngue (Português-Libras).

Assim, como pressupõem Tardif e Lessard (2011), o trabalho docente não pode fundamentar-se exclusivamente em uma ciência, pois mobiliza saberes, recursos e habilidades que cobrem várias modalidades de interação humana, tais como a afetiva, a normativa, a instrumental, dentre outros. A formação docente deve estar alinhada aos princípios da educação inclusiva, garantindo que os/as professores/as desenvolvam competências para atender à diversidade dos/as estudantes em sala de aula. Para Sassaki (2007), a inclusão escolar requer mudanças que possibilitem um sistema educacional acessível a todos. Dessa forma, é essencial que os cursos de licenciatura e os programas de formação continuada ofereçam subsídios teóricos e práticos que promovam a adaptação/adequação curricular, o uso de metodologias ativas e a valorização da participação de todos no processo educativo.

Os achados desta pesquisa confirmam que os avanços na legislação sobre educação bilíngue de surdos ainda não são vivenciados de forma efetiva no cotidiano escolar, e reforçam a necessidade de formação em Libras para profissionais que atuam com estudantes surdos/as. Apontam, ainda, que as memórias e as percepções de professores/as impactam diretamente na prática docente.

Considerações finais

Para discutir as experiências, memórias e percepções de professores/as surdos/as que atuam em escolas inclusivas, por meio de suas próprias narrativas em pesquisas, é necessário observar as dificuldades enfrentadas por esses/as professores/as nos casos raros em que conseguem ocupar esses espaços. No que concerne ao objetivo deste estudo de analisar narrativas de professores/as surdos/as e ouvintes em publicações de programas de pós-graduação da região Nordeste, os achados foram cinco trabalhos contendo narrativas que revelam um pouco das tensões existentes nesse contexto e dos conflitos vivenciados por esses profissionais na busca pelo exercício consciente da docência e por sua valorização.

Os resultados encontrados não nos surpreendem, mas nos preocupam, tendo em vista que profissionais que não se sentem seguros em sua atuação, sejam eles surdos ou ouvintes, precisam, cada vez mais, participar de processos de formação continuada para ampliar a consciência sobre o fazer pedagógico e posicionar-se diante de aspectos que exigem um posicionamento seguro. Considerando que aqueles que acompanham o desenvolvimento dos estudantes surdos percebem mais as lacunas do processo, podem, assim, colaborar melhor para supri-las.

Apesar de nossa hipótese inicial indicar que os professores surdos enfrentam barreiras de diversos tipos, os resultados encontrados apontam para o fato de que pouco se tem pesquisado sobre o tema. Além disso, revelam a necessidade de formação continuada para professores surdos e ouvintes, pois ambos sentem insegurança em relação ao uso de uma segunda língua. Assim, a dificuldade com a Libras, como segunda língua, está para o professor ouvinte, assim como a dificuldade com a língua portuguesa escrita, como segunda língua, está para o professor surdo. As dificuldades e limitações encontradas consistem na escassez de trabalhos sobre o tema, especialmente, abordando as narrativas de professores/as surdos/as. Infere-se que isso se deve ao número ainda pequeno de professores/as surdos/as atuando em salas de aula de escolas inclusivas. Assim, a título de proposição para novos estudos, faz-se necessário refletir sobre as percepções de professores/as de surdos/as no ensino comum acerca do processo de inclusão de estudantes surdos. Logo, este artigo reforça que a valorização da língua de sinais e das tradições surdas contribui para a construção de uma memória coletiva que não apenas preserva a cultura surda, mas também promove o engajamento ativo na luta por direitos e reconhecimento social.

Referências

- Bakhtin, M. M. (2006). A interação verbal. In M. M. Bakhtin, *Marxismo e filosofia da linguagem* (pp.110-127). Hucitec.
- Bakhtin, M. M. (2015). A heteroglossia e a pluralidade de vozes no discurso. In M. M. Bakhtin, *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance* (pp.107-133). Martins Fontes.
- Bakhtin, M. M. (2016). *Os gêneros do discurso*. Editora 34.
- Bernardo, G. (2022). *Práticas de aprendizagem integradoras e inclusivas na educação de surdos: Novos olhares rumo a uma educação ecoformativa*. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Alagoas. <https://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/123456789/10959>
- Brasil. (1996). *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996: Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. Presidência da República. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm
- Brasil. Ministério da Educação. (2008). *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. MEC/SEESP. <https://www.gov.br/mec/pt-br/media/secadi/politicaseducacaoespecial.pdf>
- Carvalho, V. S. (2022). *Atendimento educacional especializado: Reflexões sobre as práticas de professores surdos* (Dissertação de mestrado). Universidade de São Paulo.
- Clandinin, D. J., & Connelly, F. M. (2011). *Pesquisa narrativa: Experiência e história em pesquisa qualitativa*. EDUFU.
- Damázio, M. F. M., & Alves, C. B. (2016). Atendimento educacional especializado na perspectiva da educação inclusiva para pessoa com surdez: Seu pensar, sentir e fazer. In R. V. B. Gomes, R. V. Figueiredo, S. M. P. Silveira, & A. M. Faccioli (Eds.), *Políticas de inclusão escolar e estratégias pedagógicas no atendimento educacional especializado* (pp. 107-136). UFCE.
- Dantas, R. S. (2023). *Emoções em narrativas de corpos surdos* (Tese de doutorado). Universidade Estadual de Santa Cruz. <https://www.biblioteca.uesc.br/pergamumweb/vinculos/201911784T.pdf>
- Di Marco, V. (2021). *Capacitismo: O mito da capacidade*. Editora Letramento.
- Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos. (2024). *Educação inclusiva para alunos surdos: Um novo olhar para a inclusão*. <https://feneis.org.br/educacao-inclusiva-para-alunos-surdos-um-novo-olhar-para-a-inclusao/>
- Karnopp, L. B., Zanini, J. V., & Pokorski, J. O. (2019). Narrativas sobre a docência na educação de surdos. *The Specialist*, 40(3), 1–14. <https://doi.org/10.23925/2318-7115.2019v40i3a11>
- Lucena, R. O. (2022). *Vibrações do silêncio na educação inclusiva: Mediações possíveis no ensino de música para pessoas com surdez* (Dissertação de mestrado). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco. <https://repositorio.ifpe.edu.br/xmlui/handle/123456789/721>

- Mantoan, M. T. E. (2010). *O desafio das diferenças nas escolas*. Vozes.
- Maturana, H. (2001). *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Editora UFMG.
- Maturana, H. R., & Varela, F. J. (2001) *A árvore do conhecimento: As bases biológicas da compreensão humana*. Palas Athena.
- Maturana, R. M., & G. (2004). *Amar e brincar: Fundamentos esquecidos do humano*. Palas Athena.
- Moriconi, L. V. (2020). *Interações da criança surda no contexto escolar: Panorama de diferentes perspectivas na educação*. (Dissertação de mestrado). Universidade Estadual de Campinas.
- Omote, S. (2008). Diversidade, educação e sociedade inclusiva. In A. A. S. Oliveira, S. Omote, & C. R. M. Giroto (Eds.). *Inclusão escolar: As contribuições da educação especial* (pp.15-32) Cultura Acadêmica.
- Sassaki, R. K. (2007). Nada sobre nós sem nós: Da integração à inclusão – Parte 2. *Revista Nacional de Reabilitação*, 10(58), 20–30. <https://www.sinprodf.org.br/wp-content/uploads/2012/01/nada-sobre-n%C3%93s-sem-n%C3%93s2.pdf>
- Silva G. A. (2021). *Rompendo o silêncio: dimensões da experiência de professoras/es surdas/os na educação básica*. (Tese de doutorado). Universidade Federal da Paraíba
- Skliar, C. (1998). *A surdez: Um olhar sobre as diferenças*. Mediação.
- Tardif, M. (2014). *Saberes docentes e formação profissional*. Vozes.
- Tardif, M., & Lessard, C. (2011). *O trabalho docente: Elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. Vozes.
- Tavares, P. R., & Costa Fernandez, E. M. (2022). Significados de surdez segundo professoras de Venturosa no Agreste pernambucano. *Revista Educação Especial*, 35(62), 1–21. 21. <https://doi.org/10.5902/1984686X64157>
- Vieira, S., & Fumes, N. L. F. (2022). A fetichização do trabalho pedagógico com surdos. *Teoria e Prática da Educação*, 25(3), 198–220. <https://doi.org/10.4025/tpe.v25i3.64980>

Informações sobre os autores

Alcione Costa de Aquino Pinto Cabral: Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Bolsista do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior. Mestra em Educação Especial. Licenciada em Letras-Inglês e Letras-Libras, Especialista em Libras e em Inglês e Ensino. Professora da educação básica no ensino regular e na educação especial.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1046-0372>

E-mail: alcionecostadeaquino@gmail.com

Célia Maria Adão de Oliveira Aguiar de Sousa: Doutora em Ciências da Educação. Professora e Coordenadora do Centro de Recursos para a Inclusão Digital (CRID®) e do Mestrado em Educação Especial do Instituto Politécnico de Leiria/Universidade de Leiria e Oeste. Investigadora do Centro de Investigação Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa. Portugal.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5113-9323>

E-mail: celia.sousa@ipleiria.pt

Flávia Roldan Viana: Mestra em Educação. Doutora em Educação Brasileira. Realizou estágio pós-doutoral em Linguística Aplicada. Professora dos Programas de Pós-Graduação em Educação Especial, Pós-Graduação em Inovação em Tecnologias Educacionais e Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7289-4512>

E-mail: flaviarviana.ufrn@gmail.com

Notas:

1. As três autoras foram responsáveis pela concepção, redação e revisão crítica do conteúdo do manuscrito, bem como pela aprovação da versão final a ser publicada.

2. Este artigo apresenta investigações complementares/reflexões teóricas desenvolvidas no escopo da pesquisa de doutorado da autora Alcione Costa de Aquino Pinto Cabral, atualmente em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e vinculada ao Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE). O estudo integra o eixo investigativo da tese, contando com o apoio da CAPES - Código 001.

Submissão: 23 out. 2025

Aceito: 28 jul. 2026